

capa

Voluntário: ser ou não ser?

Da velha benemerência às novas intervenções solidárias, o voluntariado busca sua identidade. Quem pensa em aderir deve antes definir como e por que

Heloísa Helvécia *free-lance para a Folha*

De todas as categorias de trabalhadores, a do voluntário é a que mais vem sendo "promovida" —o que ajuda a explicar a estatística segundo a qual 54% dos jovens brasileiros querem entrar nessa área. Só não sabem por onde começar. De saída, é difícil situar-se em meio à nova realidade do terceiro setor, segmento que cresceu 157% em seis anos, duas vezes mais que o conjunto de empresas do país, segundo dados divulgados há duas semanas pelo IBGE. São 276 mil organizações sociais atuando em uma quantidade intensa de causas, da preservação do peixe-boi ao empoderamento de mulheres pantaneiras. Na maioria, prestam serviços com o apoio de voluntários —usados às vezes até em atividades-meio, como serviços de escritório. Então, para não correr o risco de virar mão-de-obra escrava, cumprindo tarefas sem objetivo, o interessado precisa se perguntar: ser voluntário para quê?

Podem ser para dar o peixe ou ensinar a pescar, ou também para lutar pela liberação do rio. Não que uma coisa exclua outras, mas nesse terreno as visões (e as práticas) são bem polarizadas entre a defesa de direitos e o assistencialismo puro. É bom saber também que há um novo discurso e uma identidade em construção para essa figura que doa tempo e talento a projetos sociais. A dinâmica atual, estimulada por campanhas, focaliza o voluntário por escolha e conveniência pessoal, capacitado para o que se considera hoje uma atividade específica. É o voluntário "profissionalizado", como definem uns e criticam outros.

A antropóloga Leilah Landim, do Iser (Instituto Superior de Estudos da Religião), explica como essa onda atrai as pessoas: "Por meio de crenças ligadas à solidariedade, o indivíduo procura de forma autônoma um tipo de integração social, ou uma ponte para o mercado de trabalho, ou uma finalidade para a vida. É o voluntário por opção, que se qualifica para isso, que tem nessa ação algo para contar e acrescentar ao seu currículo".

O advogado Marcelo Pinto, 39, que na verdade trabalha como gerente de recursos humanos, acrescentou ao seu currículo a identidade do "doutor Risadinha", figura de nariz vermelho que de quando em quando invade a pediatria do hospital São Camilo, no bairro de Santana (zona norte de São Paulo). Como viaja muito a trabalho, escolheu para atuar a ala "light", de doenças respiratórias: ali as crianças não ficam muito. Então, se o palhaço não aparecer numa semana, ninguém vai se frustrar.

"É a minha carreira solo. Envolve as crianças na terapia do riso. Estudo isso há tempos e queria aplicar", diz esse especialista em "gelotologia". "Minha vida mudou. Fiquei mais humano nas relações com sindicatos e funcionários, no dia-a-dia profissional. Além disso, por causa do doutor Risadinha, surgiu a oportunidade de fazer uma palestra na empresa. Percebi que tenho outros talentos." Ele ressalva que voluntário não é para brilhar, é para doar. "Quem busca ser reconhecido vai ter desilusão."

Seja qual for o palco de atuação, é bom mesmo ajustar as expec-



Marcelo Pinto, advogado e "doutor Risadinha"

"Minha vida mudou. Fiquei mais humano nas relações com sindicatos e funcionários, no dia-a-dia profissional"

Marcelo Pinto, 39
advogado